PSIQUÊ

E AS CARTAS MÁGICAS

Paulo W. T. Moraes

Da IN EDITORA

Psiquê

e as

Cartas Mágicas

Paulo Wenderson Teixeira Moraes

Da IN Editora

2020

Copyright © 2020 by Paulo Wenderson Teixeira Moraes

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, a não ser com a permissão escrita do autor e da editora, conforme a Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998.

Revisão ortográfica: Karol Fontes

Capa: Yago dos Santos Cruz

Foto da capa capturada em 2013, Buenos Aires, Museo Nacional de Bellas Artes. Título da obra: "*Psyché à la source*" (1887), de Alexis-Joseph Mazerolle.

Ficha catalográfica: Biblioteca Central Julieta Carteado

M823p Moraes, Paulo Wenderson Teixeira, 1978-
Psiquê e as cartas mágicas / Paulo Wenderson Teixeira Moraes. Salvador: DaIN, 2020.

206 p.

ISBN: 978-65-00-13552-7

1. Literatura brasileira - Contos. 2. Psicologia - Ficção.

CDU: 869.0(81) – 34

Tatiane Souza Santos – Bibliotecária CRB5/1634

Às mulheres,

guerreiras amazonas,

em luta pelo direito ao cuidado de si,

cujo clímax é a manifestação da volúpia.

Peço à Mãe da Origem, Rainha das Águas,

licença para compartilhar esta narrativa.

Que ela seja útil para suas filhas

conhecerem seus corpos

e libertarem a alma.

Eros:

Flor, minha flor
Flor, bela flor
Flor, mais que flor
Tu és o raio de sol
Das noites em meus lençóis
Sorte a minha, poder ter-te aqui
em meu palácio, dos encantos
por ti encantado sou
Provando dos meus próprios dardos,
amor
Amado, amor
Amado, amor

Psiquê:

Sei nada não
Luz e escuridão
És água nas mãos
Tu escorres num mar sem fim
És estranho no lar para mim
Quero saber mais de ti
De onde vens, amor
Se és monstro ou deus, faz o favor
Sou tua, mas não sei de quem sou
Amado, amor
Amado, amor

V. Universidade, Tantra Yoga e as Cartas Mágicas

Com tantas adversidades, foi preciso transubstanciar as angústias e reprogramar os primeiros comandos infantis, que faziam crescer o lado negativo das emoções. Com coragem e perseverança, toma-se as rédeas do destino e a transformação acontece. Será? Ou teria sido a Moira que resolveu tecer outra trama para o meu drama? Enfim, tomei ou fui tomada por uma decisão diante de tal encruzilhada: "sou uma pessoa feliz". Quando decidi ser feliz, ou quando a mim foi permitido ser feliz, o mundo começou a se movimentar rapidamente e surgiram as oportunidades de ir para outra cidade, para um grande centro urbano, abrindo novos caminhos. O exílio foi a solução. Soube me esconder bem, para não atrair a inveja e o ciúme, para que Afrodite me esquecesse por um tempo. Até foi possível desenvolver algumas amizades. Parece ser pouco, mas diante de tal constelação familiar é uma grande vitória.

– Pai, quero ir estudar na Capital.

– Claro, minha filha. Aqui o seu futuro seria limitado e parece que você não está encontrando nenhum outro bom par para se casar. Apesar de ainda não ter ganhado na loteria, poderemos lhe dar alguma ajuda. Mas sempre se lembre: se você estiver feliz, papai também estará feliz.

Essa é uma frase enigmática com a qual meu pai deixava a responsabilidade da felicidade de duas pessoas em minhas mãos, a minha e a dele. Que responsabilidade! Além de pensar no que é bom para mim, tenho que considerar que a realização de outro adulto depende da minha. Antes tivesse eu conseguido manter um casamento tradicional com um agricultor da região e a vida seria sempre a repetição das estações, o maravilhoso trabalho no campo e a deliciosa comida fresca (embora, nos dias de hoje, provavelmente, contaminada de agrotóxicos e fertilizantes químicos). Nem mesmo a bucólica vida na fazenda garante qualquer tipo de vida alegre e fácil. Definitivamente, ninguém sabe direito o que é qualidade de vida e nem como obter um estilo

de sobrevivência razoável, tendo em vista um mundo violento, poluído e desgovernado.

Enfrentei o estresse da cidade grande e, com muito esforço e persistência, foi possível chegar à universidade. Igualmente a outras colegas que vieram do interior, contava com um modesto auxílio da família, mas nada comparado ao alto padrão de desperdício das colegas das classes mais abastadas. Os extremos entram em choque nos centros urbanos, criando uma distorção incompreensível e irracional. O ser humano, por outro lado, tem uma capacidade extraordinária de adaptação ou de alienação, pois a convivência entre opostos é pacífica e a criatividade supera as barreiras do status econômico e de classe social. Muitas meninas ricas não aproveitaram nem 10% da oportunidade que tinham para crescer, permanecendo na perspectiva da facilidade, onde se espera que o sucesso apareça de mão beijada. Já as que vinham de classe mais pobre se esforçavam, desesperadamente, para aproveitar as poucas oportunidades que a vida lhes deu, já que havia um sentimento de medo do fracasso e da vergonha, oriundo da possibilidade de voltar para casa de mãos vazias. Para as primeiras, o diploma é apenas uma confirmação do status, que pensam fazer jus por direito hereditário. Para as últimas, é uma conquista extraordinária e fantástica. E para ambas, não passa de um canudo com o qual se ingressa, um nível acima, no exército de desempregadas, na guerra por um lugar de destaque no mercado de trabalho.

Para quem está de fora, parece que um curso universitário abrirá as portas de um futuro brilhante. Mas o que se ganha, efetivamente, é apenas um jeito de falar e pensar que é moeda comum entre os profissionais e não acrescenta nada de diferente ou revolucionário. Muitas das vezes, é apenas a aprendizagem da repetição de velhas práticas. Daí o fato de que o abandono de um curso superior é um fenômeno tão frequente. Muitos alunos não enxergam nada de promissor e percebem que existem outras formas de ganhar dinheiro sem queimar tanto as pestanas. Além disso, poucos estão preparados para se dedicar tanto à leitura e ao pensamento.

A parte mais envolvente da vida acadêmica está fora dos muros da escola, como sempre. Qualquer um está preparado para isto: as badalações, festas, sexo, drogas e música. Aprender a conviver pode não ser, de imediato, tão rentável quanto parece, mas, na vida profissional, são os relacionamentos que podem

fazer a diferença na escalada da carreira. Não é só o esforço abnegado que abre as portas. Às vezes, o inteligente vaidoso e arrogante desperdiça muitas oportunidades de maneira tola e estúpida. Ele poderia ter aprendido um pouco se soltando nos momentos de espontaneidade dos encontros com os colegas. Mas a sua desvantagem em campo aberto, nos grupos sociais, o apavora. Então se fecha em um mundo que aparentemente pode controlar.

Não fui a melhor das alunas, pois não tive formação básica para isso. Estava nesse lugar por puro atrevimento e ousadia. Mas também não fui a pior das estudantes. Aprendi a apreciar as leituras e espremer o que fosse possível das aulas. A dedicação despertou a atenção de alguns professores que deram oportunidades de participar das pesquisas. A inveja de alguns colegas era tamanha que atribuíam a certo tipo de troca de favores pecaminosos o fato de eu ter conseguido bolsa de estudos. O boato circulou sorrateiramente e, mais uma vez, a fama da beleza de Psiquê atrapalhou mais do que ajudou. O boato só se realizou em parte, pois um professor, casado, caiu apaixonado. Situação delicada e embaraçosa, pois ele era o meu orientador e nos encontrávamos, frequentemente, para analisar os dados da pesquisa e organizar o texto dos artigos. Tive que mudar de tema de pesquisa e escolhi uma orientadora pobre de feição, como se as feias não tivessem sexualidade. Além disso, aparentemente, a possibilidade de ser lésbica é mais distante do imaginário popular, pois é um tema repleto de tabus mais poderosos.

Em psicologia, diferentes disciplinas falam diferentes coisas sobre diferentes dimensões do ser humano. É bastante diferença para compreender em apenas 5 anos, ou melhor, uma encarnação ainda é pouco para estudar toda a psicologia. Um professor afirma que tudo acontece pela experiência, para, na aula seguinte, outro afirmar que existem estruturas prévias de conhecimento que nascem com a gente. Um diz que tudo é movido pelo sexo e o outro que o comportamento é estabelecido através do processo de reforço operante. Mas tem, também, o pessoal da filosofia que relativiza tudo, trazendo à tona os diferentes regimes de verdade que lutam para se instituir na sociedade através das práticas sociais. Relativizam até a ciência. Fiquei, até certo ponto, confortável, pois, se havia múltiplos credos e igrejas, provavelmente existe insegurança no que é propagandeado no universo acadêmico, o que me dá liberdade

para construir um juízo próprio. Nos corredores, se ouvia os seguintes diálogos entre os candidatos a psicólogos:

– E aí, você vai ser de que corrente da psicologia?

– Hum, ainda não sei. Gosto muito da professora de Behaviorismo, mas tem também aquele professor excêntrico da *Gestalt* que fala umas coisas interessantes. Sem falar daquele misterioso psicanalista, um gato. Tenho que fazer outras disciplinas para decidir.

– Sabia que Ana já decidiu ser psicanalista? Ela já está com cara de analista, com um papo profissional e com as palavras de Freud na boca. Parece que ela faz uma formação paralela à universidade. Quando se formar, disseram que já terá uma clientela garantida.

– Mas com o mercado do jeito que está, talvez eu tente outra coisa além da clínica, algo que dê dinheiro mais rapidamente, quem sabe um emprego em psicologia organizacional.

As conversas de corredor revelavam a insegurança das estudantes em compreender a complexidade do que estão estudando. Imaginam que fazer um curso universitário apenas credencia para um bom emprego ou para um futuro profissional promissor. Parecem crianças que querem ser bombeiros, médicos ou policiais num passe de mágica. Na vida real, a labuta para fazer florescer a identidade de psicólogo é a brutal luta de sacrificar a ingenuidade infantil, mas sem perder a ternura. Por vezes, encontram-se psicólogos amargurados e sequelados por essa metamorfose, pois enterraram definitivamente aquela singela criança que sempre quer aprender algo novo e conhecer alguém diferente. Negam até a própria identidade profissional ao desprezarem as qualidades humanas fundamentais para o trabalho com gente: a empatia, a compreensão, a coerência e a autenticidade. Defendem-se nas trincheiras de alguma teoria complexa ou de alguma técnica simplória, que os projetam num trono supostamente superior aos seres humanos, do qual lançam suas redes de aprisionar pessoas no vazio de categorias desenraizadas e fantásticas.

A dificuldade se amplia na medida em que os treinamentos teóricos e técnicos avançam, prescindindo o autoconhecimento. É enigmático o fato de que um estudante pode se formar sem ter feito nem um minuto de psicoterapia. Há uma dificuldade ética que tem impedido a universidade de instalar procedimentos

terapêuticos para o aluno de psicologia: “como fazer terapia em sala de aula e preservar a privacidade dos colegas?” Ao invés de enfrentar esse problema e buscar alternativas, simplesmente se abandona a questão e cada um é entregue a si próprio, na busca de desenvolvimento psicológico. Isso é um choque para a ingenuidade dos calouros que vêm buscar algum conhecimento útil, acerca de si e de seus relacionamentos, muito mais do que algum conhecimento teórico sobre a natureza humana, tornando a formação acadêmica bastante abstrata e distante dos seus interesses pessoais. A falta de experiência de vida e as fantasias infantis constituem uma barreira para estudar determinados temas. Por exemplo, é um tanto desconfortável começar a estudar a psicanálise analisando o princípio do prazer e reduzindo tudo ao sexo, quando ainda se é virgem e pouco se conhece sobre a natureza do orgasmo. De maneira parecida com crianças, que ainda estão engatinhando, o aspirante a psicólogo começa a navegar em temas dos quais nem consegue perceber a profundidade. Como um astronauta chegando em marte, o mancebo nem sabe como pisar, com alguma firmeza, no insondável chão psicológico. Ou como o próprio Freud falou, crianças enviadas para uma expedição no Polo Norte equipadas com roupas para os lagos italianos.

Alguns colegas mais velhos, entretanto, já chegam casados ou com alguma experiência de vida mais ampla. Isso auxilia a equilibrar o grupo, possibilitando aos mais novos firmarem amizades com pares mais experientes. Além disso, alguns padres e freiras se aventuram no mundo da psicologia e trazem alguma contribuição de sua trajetória religiosa. Para todos, independentemente de onde venham, as questões emocionais e amorosas não param para que se possa estudar a psicologia. Entre uma disciplina e a seguinte, testamos um colega ou outro, para se conhecer melhor, provar novas sensações e transar uma ideia ou duas. Alguns, como os cisnes, escolhem um par para toda a vida. Essa é uma forma interessante de se conhecer: entrar num relacionamento e se deparar com a constante necessidade de dialogar com outra pessoa, desde tomar as decisões mais simples, como “qual filme nós iremos assistir?”, até as mais complexas: “a relação é aberta ou fechada?”; “Com que grau de permissividade?”; “Iremos usar camisinha ou correr o risco de uma gravidez indesejada?”; “Ou viveremos no celibato até o casamento?” Essas são questões de quem ainda não mora junto, ou seja, só namora. Quando duas pessoas decidem morar juntas,

as dificuldades são maiores e a necessidade de vencer o egoísmo pode impulsionar o crescimento do sujeito. Para os que fizeram votos de castidade, algumas dessas dificuldades não são vividas em prol da dedicação ao relacionamento com o divino que, talvez, não seja um dos casamentos dos mais fáceis e deve ter lá suas dificuldades.

Uma das minhas divergências com o mito é que eu não era virgem quando encontrei Eros. Ele demorou demais para me encontrar e, talvez, inconscientemente influenciada pelo mito erótico, segui à risca os valores defendidos por ele: sexo primeiro, casamento depois. Eu já estava pronta para o sexo, mas não para o amor. Eu sempre gostei de escolher os meus parceiros e não de ser escolhida, não que seja coisa de mulher que gosta do poder da sedução, mas coisa da caçadora que tem prazer em abater uma vítima. Seria um destino fadado ao suicídio, pois não havia tantos orgasmos nas caçadas, assim como Marilyn Monroe não encontrou satisfação plena com nenhum de seus ilustres parceiros. Nem o político mais poderoso, nem o homem mais rico, nem o mais bonito e atraente, nem mesmo o intelectual pobre de feição, foram capazes de satisfazê-la na cama. Acredito que nem mesmo todos eles juntos, reunidos numa suíte afrodisíaca, conseguiriam tal façanha. Não lembro se ela tentou alguém do mesmo sexo. Se assim o fizesse, não pulando essa alternativa, talvez tivesse se livrado do suicídio. Mas enfim, a chave da questão não se encontra do lado de fora. O fato é que, quando se tem um bloqueio, deve-se procurar uma solução apropriada para desfazer o nó que impede o prazer máximo. Esse nó está no corpo e na mente.

Esse bloqueio muitas vezes começa nas primeiras relações sexuais, que normalmente são sofríveis e não valem a pena serem tratadas aqui. Reconheço que daria uma pesquisa muito interessante fazer um compêndio da primeira transa da mulher e lançar luz sobre essa sombria experiência, realizando uma nobre ação com o saber científico ao auxiliar aquelas que pretendem se iniciar. Como nessa matéria, ninguém ensina nada a ninguém, durante muito tempo vivi com a sensação de fracasso e inadequação, junto com um sentimento de culpa e remorso por ter começado algo prazeroso que toda a sociedade faz ou deseja fazer, mas que reprime ou esconde violentamente. A falta de conhecimento sobre si mesma é uma tortura maquiavélica imposta pelo mundo opressor. Por um lado, existe o domínio das instituições religiosas e, por outro, o gerenciamento da

mentalidade machista. Em público, repressão total e, no privado, pornografia barata. Nos bastidores circulam as imagens bizarras, onde se assiste passivamente muito mais do que se faz algo, bloqueando o caminho para o sublime. Aliais, como no ditado popular: quem muito fala, pouco faz. Ou será, quem muito vê televisão pouco vive? Mesmo com o avanço da ciência, que tem permitido se falar sobre o assunto demasiadamente, ainda se vive sob o tabu e o medo, comuns em sociedades patriarcais que são constituídas através do domínio sobre o sexo dito frágil. Pelo menos, com alguma orientação profissional médica, é possível não engravidar prematuramente nem adquirir acidentalmente alguma doença venérea.

Em diversos casos, o problema é a falta de algo essencial: aquele saber que eleva ao céu e mantém o espírito leve e realizado. Tornou-se uma lenda urbana, aquela sensação infinita enquanto dura, de múltiplos e múltiplos orgasmos. Os tremores incontroláveis e os choques espasmódicos, dos quais se pede para não parar. Por causa da força desse momento, o amor pode ser confundido com o sexo e o prazer pode ser atribuído a um agente externo. Mas não foi exatamente pela busca do prazer que procurei o Yoga, uma ciência ancestral dentro da qual existe uma escola conhecida pelo nome de *Tantra Yoga*. Ainda na Universidade, um grupo de colegas praticava *Hatha Yoga* e eu comecei a admirar a saúde corporal que essa prática propicia. Fiquei também encantada com a luz que emanava deles, uma mistura do vigor máximo da juventude com a concentração plena da consciência. Comecei a praticar alguns *āsanas*, palavra em sânscrito cujo significado equivale a posição. Li um pouco aqui e outro livro ali e apaixonei-me completamente. Mas até aí não havia feito a ligação com a sexualidade.

Foi por acaso, ou seria alguma ingerência oculta que me levou àquela rua aprazível, com árvores vigorosas nas calçadas, casas estonteantes e gente grã-fina desfilando em seus automóveis possantes em baixa velocidade, para ostentarem por mais tempo a sua riqueza aparente ou, simplesmente, porque tinham que reprimir a sua potência no limite da rua, que não comportava arrancadas bruscas. Uma colega do curso de psicologia morava aí, nessa mesma rua, e me convidou para estudarmos juntas. Seu nome era Cacia. Nunca entendi muito bem como se estuda estando junto a alguém, pois o básico é ler e isso se faz sozinha. Mas aquela velha fórmula de facilitar, que acaba dificultando, leva os mais acomodados a todo tipo de ajuda

para se estimular ou se adaptar ao trabalho de pensar, que alguns julgam ser enfadonho e penoso. Apesar do estudo não render além de algumas páginas lidas e discutidas para incentivar a imaginação, por outro lado esses momentos fizeram prosperar a amizade e as possibilidades de pensar juntas. Fiz uma aparente grande amiga. Mas esse encontro propiciou caminhar descuidadamente pelas casas, das quais se destacou uma em meio a pensamentos evasivos sobre qual o caminho correto a ser tomado. Era uma casa que cultivava o Tantra Yoga, mas com a etiqueta que atraía a elite burguesa local e seus sonhos de aventuras planejadas. Com uma entrada convidativa e jardim floreado, adentrei ao espaço com muita naturalidade, para ser introduzida a um ritual de meditação seguido de palestra. Até aí, tudo muito familiar, tendo em vista que já havia sido introduzia no *métier* do Yoga. No final, me dirigi à secretária:

– Boa noite, eu tenho interesse em fazer o curso de formação em Yoga. – Ela me olhou, avaliando as minhas roupas e o meu corpo.

– Você tem alguma experiência com Yoga?

– Apenas informalmente, com colegas, e através de livros.

– Nossa formação inicial requer um ano de prática, no mínimo três vezes por semana. Após isso, começam os estudos mais avançados. Aqui cobramos uma oferta para o mestre, que deve ser no mínimo de 10 denários[1]. – Falou com um certo desdém de quem já imagina que a pessoa não terá dinheiro para arcar com o preço estipulado.

– Eu sou estudante universitária, tenho poucos recursos, mas muita vontade de trabalhar e estudar. Será que não há alguma alternativa para eu retribuir as aulas recebidas com o meu trabalho? – No instante em que eu falava isso, fui surpreendida pelo mestre, que chegou por trás, e ele mesmo continuou a conversa, deixando a secretária em segundo plano.

– Parece que temos uma jovem candidata a discípula muito motivada. É preciso praticar Yoga antes que isso seja preciso. Você sabe o que é um *chela*?

– Não. Do que se trata? – Olhei em seus olhos e ele percebeu a força do meu interesse.

– O *chela* é o discípulo verdadeiro que serve ao seu mestre. Se você desejar se agregar à nossa escola, pode retribuir inicialmente com serviços gerais. Conforme o seu empenho e

desenvolvimento nas técnicas, poderá almejar outras tarefas. A cada hora de aula, terá que retribuir com uma hora para nosso *ashram*.

– O que você disse?

– *Ashram*: Uma forma especial de designar o nosso espaço sagrado para cultivar o Yoga.

– E quando eu posso começar?

– Venha amanhã cedo. A minha secretária irá lhe orientar sobre suas atribuições.

A vida de estudante requer muita força de vontade e audácia. Quero dizer, daqueles que precisam ralar muito para conquistar aquilo que se deseja. No outro dia, estava lá antes do horário marcado, às seis da manhã. Eu e a turma fizemos, com um instrutor, uma hora e meia de āsanas e terminamos com um maravilhoso *yoganidra*. Quando acabou a aula, as meninas fizeram uma rodinha e começaram a conversar animadamente, como se o efeito da paz do relaxamento fosse apenas um descanso ou um pretexto para enumerar os assuntos a serem conversados com as amigas em seguida. Fiz um aceno e me retirei em direção à secretaria. Lá chegando, encontrei aquela cara de poucas amigas que, objetivamente, me orientou sobre a primeira tarefa:

– O banheiro deve ser limpo sempre na noite anterior ou antes de você chegar à aula, para que as alunas o encontrem sempre limpo. Hoje será uma exceção. Tome o material e recolha o lixo. – De maneira seca, ela me entregou nas mãos o sabão, o cloro e as escovas.

Não é nenhuma novidade para mim, que venho de uma família simples. Mas foi muito constrangedor me deparar com os olhares das colegas de grife ao se depararem com a empregada de serviços gerais, que ao mesmo tempo era a sua colega *yogini*. O espanto delas me fazia imaginar os pensamentos que circulavam nas cabeças, adornadas com tantos adereços valiosos que não refletiam o valor de suas ideias mesquinhas: “Meu deus, o que essa garota está fazendo aqui?”; “Ela lava o banheiro e ainda compartilha o nosso espaço?; Onde essa *dalit* pensa que está se metendo?” – Ainda bem que não passaram de pensamentos distantes que não diminuíram a dignidade do meu trabalho. Resolvi até aprender alguma coisa útil, já que estava responsável por aquela tarefa. Muitas vezes, uma auxiliar de serviços gerais mistura o sabão com o cloro para adiantar o serviço. Só que o primeiro neutraliza o segundo, perdendo assim

o princípio ativo mais forte para matar as bactérias. Primeiramente, deve se jogar o cloro e esperar por dez minutos para matar todos os germes. Em seguida, joga água com sabão para neutralizar e evitar o contato com a pele. O processo de limpeza nos traz uma humildade importante para a vida. Já as humilhações são desnecessárias. Comecei então a usar a minha beleza para atiçar as criancinhas burguesas. Fiz o papel da doméstica gostosa, porém, casta, e sempre muito simpática:

– Bom dia, tem mais alguém no banheiro masculino?

– Não, está vazio. Você quer ajuda? – Se insinuou um garotão disposto a cruzar as fronteiras de classe para obter o desfrute com uma pétala rara.

– Obrigada, mas esse é o meu trabalho, já estou acostumada. Suas mãos parecem muito delicadas para esse serviço. – Olhei para ele e dei um sorriso irônico, como quem diz: "sai daqui, filhinho da mamãe, que nem sabe lavar as próprias cuecas".

Me enchi de honra no dia em que estava tão concentrada fazendo o serviço e até esqueci as horas se passarem. Nesse estado de intensa absorção, o mestre entrou no banheiro e observou meu estado de concentração. Quando ele percebeu que eu notei a sua presença, me contou um *koan* budista.

– Ora, você está compreendendo o princípio budista de que é possível atingir a iluminação nas tarefas mais simples! Uma vez um discípulo interpelou o mestre Zen e perguntou: "mestre, mestre, como eu atinjo a iluminação?" O mestre olhou a euforia dele e apenas retrucou: "Você já tomou café?" Prontamente, recebeu a resposta: "Sim, sim!" E o mestre concluiu: "então, vá lavar a sua xícara".

Dei uma risada sem graça, pois não tinha entendido muito bem a anedota. Voltei para minha tarefa e aquele enigma, chamado de *koan*, não saiu mais da minha cabeça. Ruminei e ruminei, até que me dei conta do que eu estava fazendo: apenas um pequeno trabalho. E o que eu estava ganhando com isso? As aulas? Não, não. Não estava ganhando nada, mas pelo menos eu estava servindo para alguma coisa. Tive vontade de ir ao banheiro e me sentei no vaso. Me dei conta de que estava tudo limpinho, pois eu mesma tinha feito um belo trabalho. Entendi, então, o significado do que eu estava fazendo: possibilitando um conforto e segurança para meus irmãos e irmãs naquela escola. Sim, irmãos, pois são meus semelhantes. Tirei a luva e olhei para as

minhas mãos e ri da constatação de que, independente da classe social, todos têm cinco dedos nas mãos, dois olhos e duas pernas. Deixar tudo limpo é um gesto de amor com o próximo usuário que irá precisar usar as mesmas instalações, que no final das contas é um exemplo do assento universal em que cabe qualquer um e a contento. Derramei algumas lágrimas e agradeci por aquele momento de êxtase inusitado. Senti o amor no coração e perdoei a mim e aos colegas pelas tolices e pelos olhares infantis de distanciamento social.

Depois dessa 'epifania higiênica', fui promovida para a secretaria. Organizava os livros e atendia as pessoas. Dava recados. Providenciava os preparativos para as palestras e acendia os incensos para meditação e para manter a harmonia no ambiente. Aproveitava para estudar e aprofundar no método. Com a promoção, as garotas também começaram a reconhecer a colega mais do que a funcionária. O ambiente ficou mais leve.

A meditação é um lugar íntimo onde é construído o castelo da paciência. Existem muitos métodos e fórmulas para desenvolver a consciência. Cada qual com seus trejeitos, mestres e seguidores. Quando um discípulo se aprofunda no método, descobre que ele não é suficiente para si próprio e busca desenvolver um caminho alternativo. Então discípulo torna-se mestre e uma nova escola é fundada com seu novo séquito, reencenando o velho rito da instituição do novo velho.

Cada ser é um mistério sagrado e não deve ser copiado, pois tem obrigação de abrir a própria senda na densa floresta da dimensão espiritual. Mas quantos têm coragem de viver o próprio mistério? O mestre interior facilmente é projetado em figuras carismáticas e sedutoras. Foi assim que me deixei seduzir por esse tipo indiano mestiço, que já se encontra em qualquer parte deste planeta globalizado. Ele me falava sobre respiração e pulsação da vida, respirando e pulsando ardentemente para quem quisesse sentir. E falava do *prana*[ii] e eu imaginava uma corrente energética entrelaçando a gente. O instinto de caça estava acionado e o mestre sabia disso, mas não temia ser devorado, pois havia uma plateia que o protegia de um possível assalto fatal.

Comecei a frequentar as sessões de iniciantes, muito ingênua e disciplinada. Com o tempo e a prática, o corpo tornou-se radiante e a áurea que se formava em torno de mim se revelou exuberante. Passei de instrutor a instrutor, avançando no

método. Sem se dar conta do perigo, uma criança caminha pelo vazio, que pode ser fértil ou pode ser apenas vaidade. O nada é o nirvana ou, apenas, o nada. Ou é uma grife de gente bacana em busca de sensações inusitadas. E existe um oceano delas entre uma inspiração e uma expiração, tesouros inumeráveis que podem até levar à loucura aqueles que os contemplam. É tanto poder para florescer e tanta luz para brilhar que o sujeito pode se vangloriar, perigosamente, levando-o próximo à cegueira ou a uma tragédia mortal. De degrau a degrau, a minha juventude e beleza tocaram o mestre pseudoindiano. Sentia-me numa companhia de balé com a excelência das coreografias, primorosamente construídas para enaltecer a beleza que o corpo pode atingir, executadas por garotas e rapazes elegantes e esbeltos. Praticamente, só se via jovens, pois são mais fáceis de serem flexionados até o limite do sublime torpor da ilusão, levando a cabo o sonho do novo mestre de grife.

Inevitavelmente, fui convidada para a sessão reservada de ritual tântrico. Nela não se escolhe o parceiro, apenas o mestre forma os casais e, nesse dia, ele me escolheu, contrariando sua própria regra. Estava perto de aprender uma grande lição. A satisfação não está no outro, apesar de ele emprestar a máquina para ser possível o parque de diversão. O objetivo é despertar a força da *kundalini,* que é a serpente energética que se esconde, adormecida, no períneo, entre o ânus e o sexo. Para isso, não pode existir ejaculação. A retenção do esperma, no ritual chamado de *maithuna,* parece ser uma lenda, diante da compulsão do homem moderno de querer gozar a qualquer custo. Para a mulher, é a transubstanciação da energia sexual através dos orgasmos múltiplos que se estendem por horas a fio. Em ambos os casos, no homem e na mulher, uma forte sensação percorre toda a coluna, desde a base até o alto da cabeça, levando ao despertar da flor de mil pétalas, a flor de lótus que está na cabeça. Para isso, é preciso passar de *chakra* em *chakra*, sentido o néctar divino sendo drenado, serpenteando ladeira acima.

Não estava preparada para as repercussões dessa experiência. Meu corpo sim, estava em forma, como nunca havia estado. Cada músculo, liso ou estriado, estava pronto para obedecer ao que quer que lhe fosse comandado. Mas a mente ainda não estava leve para o desapego, o qual me foi solicitado. Naquela sala banhada por essências divinas, o guru alinhava os casais sem levar em consideração qualquer tipo de laço afetivo ou prévia afinidade. Ao fundo, um mantra era repetido

incessantemente. As roupas lentamente foram escorregando pela pele, que a esse momento já bailava espontaneamente com a do parceiro. Tudo com muita calma e paciência, sentindo tudo que é possível a cada momento. Nesse dia, tinham doze casais presentes, formados naquele momento para aquela circunstância. Alguns de vocês podem estar achando que se tratava de um bacanal. Outros têm certeza, absoluta. Certamente, pode ser. Mas ao soltar a imaginação, ativa-se um teletransporte para a Índia ancestral e matriarcal, onde se amava na terra crua para fertilizar o solo. Era um ritual magnânimo. Embarquei assim nessa viagem de reviver a transcendência imanente.

Experimentei, cheirei, toquei, usei todos os sentidos. Só não lavei as mãos e é por isso que me sinto cada vez mais limpa e mais limpa. Devo confessar que o mestre permaneceu ereto por horas a fio. Naturalmente, surgiam posições lindas, maravilhosas, que só quem viveu sabe do que se trata. E movimentava levemente, como em estado de êxtase permanente. Concentração total, meditação no campo astral. Tão longe de tudo e tão enraizada na sensualidade mundana. Perdi o tino. Já não era mais a caçadora. Fui capturada em minha própria armadilha. Cometi o erro de abrir os olhos e entregar os meus sentimentos para o mestre das vaidades. Tranquilamente, ele sabe transitar pelo nada e de lá sair sem se machucar. Mas não se ensina isso a ninguém. Não é possível, simplesmente, desligar o sentimento sem maiores consequências. Como disse um poeta: “Agora, que faço eu da vida sem você? Você não me ensinou a te esquecer. Você só me ensinou a te querer. E te querendo eu vou tentando me encontrar... Perdida no vazio de outros passos. Do abismo em que você se retirou. E me atirou e me deixou aqui sozinha”. Quando a ficha caiu, repudiei aquele que dizia ter vivido o nirvana, entretanto, continuava vivendo nas vitrines dos burgos modernos fodendo com as menininhas abastardas em busca de aventuras eróticas. Óbvio que o mestre preferiu a ostentação e a badalação em vez de colocar coleira em minha beleza. Olhando por outro ângulo, com a distância temporal, tive sorte, pois permaneci livre também. Naquele período, entretanto, fiquei desesperada. Percebi que ele tinha me levado a um conhecimento íntimo do ser e, quando desejei mais, fui abandonada justamente no momento decisivo dele ser completamente meu. Queria casar e a casa. Entretanto, o mestre é sempre o mestre. Não se deixou levar pelo meu arroubo de paixão desesperada. Analisando friamente, ao colocar o ego entre

parênteses, teve algo de positivo nesse duro aprendizado do desapego da matéria. “Ah, você é de ninguém”, “...ninguém é de ninguém”. Mas no mundo em que vivemos, ainda queremos ter alguém para chamar de “meu”. O sentimento de posse acelera a tragédia e antecipa o fim.

Depois de enxugar as lágrimas, vem a parte boa. Aprendi a segurar um pênis do início ao fim com cada centímetro da minha vagina. Não me casei com o mestre, mas consegui dele um grande elogio a respeito da compressão vaginal que conquistei. E brincava fazendo ondas cálidas, como dedos que massageiam uma flauta e tiram um som doce e suave, subindo e descendo na escala, de dó a dó. Aprendi a tocar e ser tocada. De anel em anel a caverna de Vênus foi modelada para acolher majestosamente o vigoroso visitante do amor, com ritmo e música. Compreendi que a nota G deve vir no clímax da melodia e, naturalmente, fazer ressoar por todo o corpo a harmonia da epifania.

Continuava sozinha no mundo, mas agora tinha uma arma poderosa. Infelizmente, não imaginava que estava tão carregada de poder e nem imaginava o que isso poderia acarretar. Apenas caminhava pelos jardins do éden, saboreando tranquilamente a maçã, antes de ser notada e castigada por saber demais. Depois dessa experiência, me mantive em clausura durante um ano, ao longo dos quais me exercitava sozinha, sem a ilusão de uma fonte externa de prazer. A duras penas, conquistei a minha autonomia.

Paralelo ao que acontecia nos países baixos, no alto, lá no cérebro, uma revolução acontecia. Foi também na Universidade que tive uma experiência mais profunda de leitura. Além de ler, discutir sobre o que é lido potencializa o pensamento. Apesar de nem todas lerem os textos, entretanto, o pequeno grupo de colegas que já sabiam o que queriam da vida puxava a turma para o alto e avante, motivando os estudos. Nessa época, comprei o meu primeiro livro sobre introdução à psicologia. Gostei tanto do ato de adquirir que toda folga no orçamento era destinada à compra de livros. Se soubesse eu que os livros digitais iriam estourar, não teria destinado tanto capital para um volume morto que ocupa tanto espaço na casa. Mas não me arrependo, pois teve utilidade. Uma biblioteca funciona como um grande dicionário. Não se lê todos os livros, mas se sabe o que tem neles e, quando necessário, é possível buscar a informação. Por conta desse hábito de ter livros e da pouca disponibilidade de dinheiro, tornei-me amante dos sebos e feiras de livros. Adorava me perder

pelas prateleiras, descobrindo novos horizontes e me inspirando para novos desafios.

No centro da cidade tinha uma banca de livros a qual eu costumava frequentar. Já sabia quando tinha alguma novidade ou livro usado raro. Conversava com o livreiro que, gentilmente, me apresentava as últimas aquisições, mas ele mesmo parecia não gostar de ler. Apenas ganhava a vida com esse tipo de mercadoria sem se relacionar com o peso do conhecimento. Por conta disso, ele não sabia o valor do que tinha e tudo saía, praticamente, pelo mesmo preço. A não ser quando o livro era grande e com uma capa bonita, ele pedia um pouco mais. Que estranho e curioso destino dessa criatura: ter tesouros passeando pelas próprias mãos sem poder usufruí-los. Parece até castigo dos deuses por algum pecado mortal cometido em algum plano misterioso da existência espiritual. Deitado sobre ouro, sem saber que é rico e sem poder usufruir a riqueza.

Naquele dia, eu estava intranquila esperando o tempo passar. Ainda estava digerindo a insinuação delicada do meu professor orientador sobre a atração que eu exercia sobre os homens, lançando uma rede irresistível e perigosa. Não sabia o que fazer. Estava nublado, mas não chovia. Era fim de inverno e os ares da primavera já se faziam presentes ou davam um prenúncio do que estava por vir. A rua convidava para uma boa caminhada pelas lojas e vitrines, já movimentadas às dez horas da manhã. Tudo estava favorável, mas o meu sentimento nublava as possibilidades ao redor. Assim ofuscada pela confusão dos pensamentos, me aproximei da banca de livros, mas não avistei de primeira a pequena caixa amarela distinta dos outros volumes que se encontravam à venda. Peguei um livro qualquer para analisar o seu conteúdo. Consegui até me absorver por uns instantes, mergulhando naquele tempo relativo durante o qual é possível se assustar até mesmo com uma saudação já esperada. O livreiro veio com seu costumeiro “bom dia!”. Me assustei e, ao me virar, derrubei descuidadamente a caixa amarela. A mente é extraordinária e ainda não sei explicar como foi possível, diante de tantos títulos de livros, com tantas cores diferentes, a minha atenção foi parar, exatamente, naquele pequeno pedaço do campo da percepção visual. Igualmente misterioso foi o ato de derrubar, com minha própria mão em estado inconsciente, exatamente aquela pilha de livros. Mágica ou sincronicidade? Apenas posso descrever que havia alguma espécie de força eletromagnética, pois, como um ímã, fui atraída ao encontro

daquilo que, pela força, poderia até ser uma caixa de Pandora. Dentro, encontravam-se cartas e um livro de instrução. Eram cartas de tarô de um jeito que eu nunca tinha visto. Um estilo rústico que parecia ser bem antigo. Abri o livro e li, rapidamente, para perceber que se tratava de um tarô mitológico muito difundido na era medieval. Possivelmente, as cartas de baralho comum, com os naipes de copas, paus, espadas e ouro, derivaram daí. Mas detive a leitura para aparentar desinteresse, pois estava diante do livreiro.

– Olá, bom dia! Tudo bem? Veio comprar livro hoje? Tem coisa nova superinteressante.

– Ehh, eu só estava passando por aqui. – Peguei o outro livro e perguntei: – Quanto custa este livro?

– Ah, apenas 2 denários! – Deu uma risada sem graça. – Mas a gente pode negociar.

– Ehh, estou com pouco dinheiro e com muito livro para ler. E este outro aqui? – Mostrei a caixa. – É diferente e vem numa caixa. Você conhece?

– Ah, esse aí eu faço 1 denário para você.

– Não sei. Ehh... tá bom então.

Escondi o quanto pude a minha ansiedade para chegar em casa e esmiuçar todo o material daquela caixa e ler o livro. Como uma jogadora de poker que encena uma indiferença mortal diante de 4 ases na mão, tornando mais provável o adversário entregar todas as fichas, eu tive a habilidade para ser fria e negociar adequadamente o objeto do desejo. Havia algo a mais naquela situação. Algo no coração pulsava mais forte. Um "não sei o quê" de "não sei onde" mexia com as vísceras profundamente, me movimentando para algum tempo e espaço desconhecidos. Com a caixa na mão, a cidade ficou em terceiro plano. Nada me atraía nem chamava a atenção, a não ser as instruções lógicas para alcançar rapidamente o caminho de casa. Estranhamente, eu escondia o volume como se tratasse de uma joia preciosa. Até que ponto um objeto pode ter poder sobre nós? Só um Castañeda para me decifrar os poderes de objetos mágicos, como um talismã, acolhendo habilmente o que lhe foi dito por Dom Juan. Já não me encontrava no meu modo natural de agir quando o adquiri e tudo ficou estranhamente confuso. Só podia ser por conta daquilo que carregava. Tive um pouco de medo, mas atribui toda a alteração do meu sentimento ao receio de ser atingida com o antigo preconceito dos jogos de adivinhação, que

são tratados como mera superstição pela ciência e o mundo acadêmico. Teria que manter em segredo esta nova aquisição, pois a própria profissão de psicóloga condena determinados jogos projetivos (por exemplo, tarô) como práticas alternativas sem fundamentação científica. Por hora, essa explicação racional me aliviou o peso do que carregava escondido na bolsa.

Entrei rapidamente no prédio do pensionato onde residia. Nem notei a presença de alguém na portaria. Peguei a chave na bolsa e abri o portão. Somente me senti segura após trancar a porta do quarto. Acendi apenas a luz de leitura da escrivaninha. Um laço apertado me ligou definitivamente às cartas que agora repousavam em minha frente. O tarô mitológico está dividido entre os arcanos maiores e os menores. Dentro destes últimos, tem as cartas numeradas. Cada naipe faz referência a algum grande mito grego e representa um elemento. Copas, paus, espada e ouro são respectivamente água, fogo, ar e terra. Admirei os desenhos, analisei as cores e formas, estudando detalhadamente o significado de cada figura. Tudo começa com a jornada do louco, sem noção dos perigos que podem advir. O fim pode ser trágico, com um pequeno passo em falso, na estreita trilha que ladeia o abismo em frente à saída da caverna. Essa cena da primeira carta apresenta Dioniso no começo de uma nova aventura. Era como eu estava me sentindo, eufórica com a luz, depois de um recesso nas trevas, sem noção da brincadeira em que estava me metendo. Igual a uma criança, admirando o brinquedo novo, passei toda a semana me debruçando sobre o significado de cada carta do baralho e aprendendo uma forma de jogar a sorte. A cruz de Celta foi a forma escolhida. Comprei um pano de seda preto e virgem, cuja utilidade era guardar o baralho e, ao mesmo tempo, servir de palco onde as cartas seriam colocadas, forrando e preparando a mesa para o jogo.

Abri o pano e recolhi o baralho. Lancei o pano sobre a mesa. Estiquei-o para retirar as pregas. Sentei-me e embaralhei, com total concentração no meu momento atual. Abri o leque. Escolhi as dez cartas do jogo, uma a uma. Ainda sem desvirar, coloquei-as na posição. Fui desvirando, da mesma maneira, de uma em uma, para analisar as mensagens que foram enviadas.

O centro é o lugar que dá significado a todo o jogo. Desvirei com cuidado. O dois de espadas se revelou. A figura apresenta Orestes tapando os ouvidos para não se envolver no conflito dos pais, que medem forças com duas espadas no primeiro plano.

Isso aponta para uma recusa em encarar uma situação conflituosa que se apresenta como inexorável. Não é possível retardar o embate com os fatos ou fingir que nada está acontecendo. “Não pode ser!” – Meus pensamentos gritavam no silêncio, trazendo uma multidão de vozes para a solidão absoluta do quarto. O espelho é o sinônimo mais apropriado para esse oráculo que se revelava. Vi, nos pais de Orestes, Agamemnon e Clitemnestra, uma representação do meu orientador e de sua esposa. Na semana passada, ela tinha aparecido subitamente em nossa sala de pesquisa, na universidade, dizendo ironicamente:

– Oh, boa tarde. Então você é a famosa Psiquê, a garota mais linda de toda a psicologia! Imagino que não deva ser difícil passar toda a tarde olhando para essa beldade e pesquisando as curvas da beleza. Talvez essa competência tenha sido fundamental para meu marido lhe selecionar como bolsista.

– Clitemnestra, o que você faz aqui? Não precisa constranger a minha aluna. Ela está aqui por mérito próprio, pois é estudiosa e aluna aplicada. Sem inteligência não é possível fazer pesquisa. – Interviu o marido, sem fazer apresentações.

– Ah, então era só o que faltava: a bela e inteligente Psiquê! Não irás muito longe com essa pirralha, pois você já é um bode velho que só sabe balar.

– Tenha modos. O que você veio fazer aqui?

– Vim pegar aquele livro que você prometeu para nossa sobrinha.

– Só isso? – Perguntou, já se dirigindo à prateleira e retirando o volume.

– Sim, muito obrigada. Passar bem, marido indigno! – Bateu a porta atrás de si.

Fiquei sem reação por alguns segundos, sem nem saber para onde olhar. Ele também não sabia o que dizer com a situação constrangedora, mas começou pedindo desculpas.

– Desculpe-me, Psiquê. Estou numa fase difícil no casamento. Minha esposa está fora de si e com o ciúme à flor da pele. Você não merecia ouvir nada daquilo.

– Ah, tudo bem. É muito difícil enfrentar uma crise num relacionamento.

– Mas, pensando bem, uma parte do que ela falou é verdade: você é bonita e inteligente. O ciúme dela só fez destacar as suas características. Uma mulher descontrolada acaba

precipitando o fim, empurrando o marido na direção da libertação. – Concordei com a cabeça, lamentando.

A irmã de Orestes é Electra. Será que eu estava me colocando do lado do meu pai Agamemnon? Será que eu estava entrando no complexo de Electra, desejando perigosamente o próprio pai? Fiquei com medo. Não é muito prudente se envolver em triângulos amorosos, pois, muitas vezes, isso se revela um triângulo das Bermudas, que é o pavor dos navegantes mais experientes. A carta cruzada poderia esclarecer melhor o que está por trás dessa cena. Ela não é, necessariamente, negativa, mas pode revelar o motivo subjacente ao conflito e o que está obstruindo o caminho. Desvirei-a, apreensiva, e lá estava o oito de paus. Na figura é representado o barco de Jáson, chamado de Argo, com oito tochas. Ele acabou de escapar do rei Aietes e está de posse do velocino de ouro. Pode indicar um momento de grande realização e a reta final de algum projeto, o qual demandou muita luta e, agora, está se encaminhando para um desfecho. Analisei o que estava acontecendo, naquela época, que poderia estar associado ao conflito que vivia. O projeto de pesquisa vinha de vento em polpa e algumas publicações estavam florescendo como o fruto natural dos esforços, depois de muita luta e estudo. Esse trabalho, em parceria, pode ter estreitado os laços afetivos com o meu orientador e ter me lançado no conflito atual. Não seria tão simples assim me desfazer da pesquisa para, simplesmente, me afastar do perigoso caso amoroso.

DOIS DE COPAS
O JULGAMENTO
QUATRO DE OUROS
DOIS DE ESPADAS
ONZE DE PAUS
RAINHA DE COPAS
OITO DE PAUS
O CASTIÇO
O IMPERADOR
O MUNDO

A terceira carta é a que fica no alto, acima do centro da cruz. Ela diz o que se apresenta nas aparências ou na superfície da vida de quem consulta a cartomante. Lá está o dois de copas, onde Eros está prestes a se encontrar pela primeira vez com Psiquê. Pode indicar o início de um novo relacionamento. "Ai meu Deus! Será que estou prestes a entrar num relacionamento clandestino e ilegal?". Para apaziguar o medo, acreditei na hipótese de que nenhum destino está completamente definido, previamente, deixando algum espaço para o livre arbítrio respirar livremente. O oráculo mostra apenas tendências e o momento pelo qual a pessoa atravessa. O *Kairós* é o tempo divino, o momento oportuno de cada coisa. O tarô auxilia justamente na leitura desse momento, trazendo elementos para compreender a situação e poder tomar uma decisão, com mais informações e avaliando a conveniência do caminho escolhido.

Embaixo veio o imperador, na posição da questão de base que aprofunda o motivo do tema principal, indo além das aparências e trazendo o que realmente está se passando nas profundezas da mente. Ela pode revelar a motivação inconsciente e surpreender a razão com uma consciência súbita do que se está vivendo. Nem sempre, o que imaginamos ser as nossas razões corresponde ao que se passa no fundo do coração, bem lá nas câmeras da inconsciência. O imperador é também representado como Zeus, todo poderoso em seu trono. Representa a autossuficiência com a qual vencemos as dificuldades do mundo. A ambição, a audácia e a autoridade impulsionam para a realização dos objetivos. É o princípio masculino da conquista. O rei é quem estabelece a lei. Por isso, em algum momento, ele pode se tornar um tirano opressor, ao invés do pai benevolente. Esta carta pode ser um chamado para realizar algo de novo, enfrentar algum desafio e iniciar um plano para deixar uma marca no mundo. Analisando a minha situação, estava no final do curso, na universidade, e me sentia chamada para me lançar em uma nova aventura. Precisava de um emprego, para deslanchar na profissão, ou encarar o consultório, mas de alguma forma renovada e não convencional, algo que tivesse a minha marca. Ou então, começar um novo relacionamento. Roubar o marido da outra e entrar na aventura do adultério. Não, não! Não desejo ir contra os princípios de castidade de Hera, por mais que aquela esposa decadente esteja pedindo um belo par de chifres. Acho que minha ligação com o orientador é profissional e motivadora, só isso. A ambição na carreira é o verdadeiro motivo inconsciente

que me liga a ele. Por infelicidade, isso se chocou com o despertar do seu sentimento, insinuando um caso amoroso. Talvez seja isso.

Vejamos o que está no passado e que influenciou na construção do hoje: nove de paus. Aqui está de volta o tema de Jáson. Depois de ter realizado a tarefa mais difícil de pegar o velocino de ouro do rei Aietes, os argonautas foram surpreendidos por uma tempestade no mar, na passagem pelos rochedos. Perto de atingir o objetivo final, um obstáculo aparece e pode colocar tudo a perder. Esse é o teste do ponto máximo do cansaço, ao qual o ser humano pode ser submetido. Muitos desistem aqui, na beira da praia, por não conseguirem encontrar forças para cumprir a missão, mesmo tendo enfrentado a parte mais difícil. Nesse contexto, conta mais a resistência psicológica do que a física. Pensando sobre o meu passado, acho que o abandono do meu antigo mestre de Yoga foi a tribulação que quase me derrubou. Ou seria a situação sem saída na minha cidadezinha do interior? Independente do ponto no passado, realmente, eu tinha enfrentado grandes testes que me levaram ao limite da exaustão. Isso também me faz querer viver um tempo de calmaria que se vislumbra num relacionamento estável com um homem mais velho, mesmo que divorciado. Ai, ai, ai, aonde os pensamentos estão me levando?

Na figura da esquerda, está o quatro de ouro. O tema que aparece agora é a ganância e a avareza, representadas pelo célebre artesão, arquiteto e escultor Dédalo, que carrega quatro moedas de ouro e olha com preocupação para o ajudante Talo, que executa seu trabalho com uma perfeição invejável. Ao invés de tomar o garoto como um desafio à sua perícia e criatividade, ele projetou uma ameaça ao seu trono de melhor artífice do reino de Atenas. O ciúme e a raiva irão levá-lo a uma atitude imponderada: assassinar o garoto de 12 anos para matar a concorrência, pela raiz. O crime foi descoberto e o levou a uma grande derrota: abdicar da fama pela imposição do exílio, tendo que recomeçar das ruínas, e com grande sacrifício, a construção de sua riqueza em outro reino, em Creta, sob a proteção do rei Minos. Isso talvez não seja um bom sinal. Se no futuro eu me apegar à tentação da ganância, posso me prender às coisas erradas, na doce ilusão de estar fortalecendo a autoestima. Isso pode levar a uma estagnação da energia criativa e à obstrução da expressão de valores mais nobres e recompensadores. Será que

tomarei uma queda de uma altura elevada? Se for isso, que Deus me dê a capacidade de me levantar!

A posição inferior da coluna da direita é a casa da posição atual e está intimamente ligada à casa em que fica a primeira carta virada, no centro da cruz. Além das atitudes diante da situação, revelando o contexto interno da pessoa que consulta o oráculo, essa carta pode fornecer dicas sobre potenciais a serem desenvolvidos ou caminhos a serem seguidos. A carta do mundo traz Hermafrodito e os quatro naipes, representados com seus símbolos: o cálice, a tocha, a espada e o pentáculo de ouro. Essa carta indica um momento de sucesso e finalização positiva de projetos. É um momento da realização de um objetivo pelo qual se lutou com muito esforço. É o fechamento vitorioso de um ciclo, quando a pessoa se sente completa. É o que realmente eu estou vivendo: terminando um curso de nível superior já com algumas publicações e com possibilidades profissionais bem encaminhadas. O mundo é a última carta dos arcanos maiores e não indica o final feliz, mas apenas o fechamento de um ciclo. Novas aventuras virão em seguida.

Logo acima, tem a casa dos fatores contextuais e apresenta a imagem com a qual os outros vêm a pessoa em questão. É a imagem que as pessoas ao redor fazem refletindo alguma dinâmica do inconsciente. Muitas vezes, não há compreensão vinda do ambiente ao redor porque essa imagem contraria o que está na consciência. Nesta posição do jogo eu tirei o carro de Ares. A impulsividade agressiva do deus da guerra abre caminhos para novas conquistas sem recuar diante dos conflitos. Realmente, o mundo ao redor me coloca numa situação de constante competição e luta. Apesar de eu não buscar isso, parece que muitas situações me levam a entrar em conflito aberto, como se eu vivesse uma guerra contínua. Enfrentar as contradições pode levar ao crescimento para merecer entrar em novos estágios da jornada da alma.

Na penúltima posição, uma acima da anterior, vem a carta destinada a analisar os temores e as esperanças. Me foi sorteada a rainha de copas. Quem é ela? Não, não é Afrodite, apesar de toda a história desse naipe ser destinada a ela. Para ilustrar esse arcano, foi escolhida a rainha Helena de Troia. Ela foi uma mulher que atraiu para si o desejo de centenas de homens e só fazia o que ela tinha vontade. Páris, certamente, não a raptou a contragosto. Ela é quem escolhe pelo coração e desafia a lógica

racional, fazendo com que procuremos os sentimentos mais profundos que movimentam o espírito. Devo admitir: tenho medo desse poder do feminino dentro de mim e dessa possibilidade de atrair tantos olhares, nem sempre desejados. Ela entrou no adultério ao embarcar na aventura com Páris. Uma mulher poderosa que, depois de tudo, foi aceita e desejada, novamente, por Menelau. Talvez aqui esteja a minha força e o meu temor.

Vejamos agora o resultado final que sintetiza todo o jogo, no topo da coluna à direita. Aqui me foi retirada, pela sorte, a carta do julgamento. O tema dessa carta é o retorno de Hermes, agora na condição de guia que auxilia os viajantes a transitarem nas profundezas dos domínios de Hades. O julgamento aponta para as recompensas pelos esforços empreendidos, assim como mostra o preço que tem que ser pago quando a pessoa não foi verdadeira consigo mesma. Pode ser a alegria da vitória ou a amargura da frustração, dependendo da atitude diante das oportunidades, ao longo da jornada. Essa foi a carta mais difícil. Até que ponto estou sendo verdadeira comigo mesma? Devo omitir o conflito que se passa em minha frente? Devo ignorar o coração e seguir firme a razão, como a casta Atenas? O jogo está lançado, agora é elaborar as ideias para continuar a caminhada.

Na semana que se seguiu, nenhum grande acontecimento se sucedeu à emergência surpreendente da cartomante. Apenas uma alegria por ter encontrado uma ferramenta para acessar as profundezas da dinâmica inconsciente. Um novo brinquedinho psicológico. Comecei a jogar para analisar situações de trabalho no consultório. Me concentrava no caso e colocava o jogo. Foram muitos *insights*. O tarô se tornou um mecanismo interessante de produção de ideias e conjecturas, aguçando a intuição necessária para acompanhar pessoas em psicoterapia. Quando me formei, já tinha atendido dez pessoas com razoável eficácia. Uma das coisas básicas é encontrar o obstáculo que bloqueia o fluxo mental da pessoa. Algumas crenças atrapalham o desenvolvimento saudável da psiquê, levando o sujeito a tomar decisões equivocadas e a definhar em estados de tristeza e apatia. Mas não é fácil contorná-las, uma vez que não se trata de um simples computador que precisa ser reprogramado. Em alguns casos, é preciso fortalecer a autoestima para que a pessoa dê um passo na direção da transformação. Nessa hora, os mitos auxiliam, uma vez que são exemplos de superação e de aventuras nas quais o obstáculo é vencido. Me senti psicóloga

testemunhando a jornada dessas pessoas que, corajosamente, buscaram um auxílio para mudar de vida. A mudança de atitude parece fácil, como um interruptor que precisa ser ligado. Fácil para quem está do lado de fora, mas, para quem está vivendo a tragédia, existem muitos pontos cegos que impedem a visão clara do que tem que ser feito. Ninguém sabe, melhor do que cada um, o caminho a seguir. Se alguém está perdido, não é outra pessoa que irá achar o fio de sua meada. Somente a consciência de cada ser pode averiguar o caminho certo a seguir. Mas é possível encontrar auxílio para pensar sobre as possibilidades. Me tornei psicóloga!

Não precisei entrar no fatídico caso amoroso com o professor infeliz no casamento. Soube depois que ele se separou. Teria sido um bom partido, se a situação não tivesse se apresentado daquela forma. Após uma amigável conversa, decidi entregar a bolsa de pesquisa, que me ligava a ele, depois de um ciclo fechado, quando publicamos alguns artigos juntos e talvez não houvesse muito mais a ganhar, naquele caminho, que suplantasse o aprendizado do atendimento clínico. A orientação nos casos de atendimento foi o meu primeiro encontro com a necessidade de me submeter à psicoterapia. Como acreditar em um psicoterapeuta que nunca provou dos próprios métodos? Percebi que já estava atrasada em relação a algumas colegas que, há mais tempo, vinham se analisando com psicólogos. O dinheiro era um obstáculo para contratar os serviços desses profissionais, tornando difícil o acesso a esse meio de autoconhecimento. Com o auxílio de algumas professoras que reconheceram o meu empenho, tive a oportunidade de me filiar a uma instituição ligada à Psicologia Analítica, aquela que se aprofunda no estudo das pesquisas do psicólogo Carl Gustav Jung. Já sabia o caminho das pedras: troquei o meu trabalho pela oportunidade de continuar estudando, atendendo, recebendo supervisão e fazendo psicoterapia. Durante o primeiro ano, eu me tornei a secretária do Centro Junguiano. É uma posição privilegiada para conhecer toda a dinâmica da instituição e aprender os rituais necessários para se desenvolver na carreira. Além disso, como serviço auxiliar, a secretária pode despertar dentro de si um amor incomum ao seu trabalho e à instituição na qual trabalha. Descobri que é um ofício onde é necessário ser, no sentido de ter uma atitude positiva e de identificação com o lugar. Além disso, é preciso crer na realização e estar disponível. Por fim, é preciso

rir, tornando as tarefas mais alegres e atraindo a simpatia do público. Se você conseguir tudo isso, ria! Sê, crê. Tá, ria!

Além do trabalho braçal que possibilitou a minha sobrevivência financeira, minha trajetória em pesquisa auxiliou na disciplina necessária para estudar, organizar os conceitos e analisar o material que surgia durante as sessões. Logo comecei a produzir artigos com as professoras que, em contrapartida, me auxiliavam indicando clientes. As publicações deram frutos inesperados: houve um convite para minha professora ir apresentar o nosso trabalho num congresso, em outra cidade. Mas ela já tinha um compromisso agendado. Para minha sorte, eu iria no lugar dela. Foi a primeira viagem de avião, conquistada com o suor dos estudos.

Uma viagem, se bem aproveitada, desencadeia uma série de reações irreversíveis na visão de mundo de uma pessoa. Encontrei pessoas de todo o mundo, falando diversas línguas e mostrando um pouquinho de seus costumes. Os sabores diferentes e as paisagens, para o turista ver, foram janelas pelas quais eu vislumbrei outros universos, até então paralelos e inatingíveis. Me senti muito pequena diante da imensidão de possibilidades e desejei, intensamente, ampliar o meu raio de ação. Observando o movimento das pessoas, de suas indumentárias e aparelhos sofisticados, foram crescendo, sorrateiramente, desejos que são proibidos para determinadas classes sociais, pois a falta de dinheiro é um obstáculo para o direito de ir e vir pelo mundo. Dei uma mordida em meu sanduíche, em pé na calçada, e fiquei paralisada na vitrine de um restaurante sem saber o que fazer com o bolo alimentar, que mais parecia a pedra que Cronos engoliu. Um casal conversava alegremente no canto, três amigos almoçavam em folgança, noutra mesa negócios eram fechados e muita coisa interessante acontecendo. Isolado no canto, pude ver um escritor tomando notas num bloco de papel. Lembrei imediatamente de Hemingway na festa de Paris, trabalhando nos elegantes cafés da cidade das Luzes. Cobicei aquelas vidas para mim: poder almoçar confortavelmente e majestosamente. Aquilo ali estava muito longe de uma vida de rainha, todavia, para mim, estava num nível acima e, por isso, admirei extasiada.

Será essa a cobiça que me levará à perdição? Comecei a comparar o meu padrão de vida com o de outras pessoas e fui atingida pela inveja. Se por um lado, isso motiva o trabalho em

busca de maiores rendimentos, as barreiras das heranças hereditárias, por outro, tornavam os desejos uma miragem no deserto. A forma mais fácil de ser rica é ser filha de rica e, quanto mais dinheiro se tem, mais dinheiro pode se fazer, imitando a trajetória do rio que corre para o mar. Alguns conseguem furar o bloqueio de classe econômica, que impede a ascensão social. As exceções indicam que o clube dos abastados é bem restrito e de difícil acesso. Será que todos nascem com as mesmas chances de realização financeira? Até que ponto depende de cada um ou da sorte?

Voltei da viagem com a certeza de um objetivo em mente: a independência financeira. É aqui que entra a sorte e a preparação profissional e científica. Sempre achei que a probabilidade de ganhar na loteria é de 50%, pois só há dois acontecimentos em jogo: ganhar ou perder. Nunca considerei que para acertar 6 números dentre 60 é preciso vencer uma probabilidade de 1 para mais de 50 milhões. Psicologicamente, não dá para imaginar isso, mas visualizar 50% é mais condizente com o pensamento positivo. Comecei a acreditar no meu esforço e na sorte. Dedicando-se aos atendimentos e com a divulgação do meu trabalho em palestras, comecei a pagar o meu próprio aluguel e ainda sobrava algum dinheiro para continuar investindo na carreira. Um cliente leva a outro e mais outros, além das oficinas e *workshops*. No início é bem difícil, pois não é adequado fazer propaganda na área da saúde mental. O trabalho tem que crescer devagar e com a indicação boca a boca.

A análise do eu não é para qualquer um, pois envolve uma coragem incomum de enfrentar a si mesma. É mais fácil projetar as dificuldades pessoais em algum bode expiatório e eleger algum remédio mágico como pílula da salvação ou cura. O autoconhecimento pela palavra é muito mais tortuoso e complexo do que a difundida ideia de que "um parafuso a menos" pode ser consertado através da ingestão de cápsulas ou comprimidos e ser feliz para sempre. A psiquê é um campo misterioso, eu bem sei, pois a bela Psiquê teve que ir nas profundezas dos reinos obscuros para ganhar o seu título de deusa da alma.

Pelo que vocês perceberam, tenho uma grande influência de Jung, do qual já ouviram falar nas notas de roda pé. É bem sabido do respeito que ele tinha pelo oráculo, como o *I Ching*, o Tarô e o Delfos. Mesmo antes de tê-lo conhecido, através das

leituras, já tinha uma longínqua ligação com o Tarô. Quando estou jogando as cartas, posso sentir, de maneira intensa, a força da sincronicidade em ação. Em alguns lugares, o oráculo é visto com muito misticismo e ocultismo. Mas em certas regiões e para alguns povos, como os ciganos, é apenas um jogo que auxilia as pessoas a refletirem sobre o momento atual de suas vidas. Ao perceber essa ligação tão profunda, investigando em minha própria família, descobri que sou descendente de puta, cigano e de padre. Então não preciso me envergonhar de nada que seja estereotipado na sociedade, pois aprendi a aceitar minhas origens e a lidar com a hipocrisia da inquisição moderna, enrustida nas mentes deformadas pela péssima informação que é imposta à maior parte da população. Para a curiosidade das socialites, posso tranquilamente revelar que minha tataravó, por parte de pai, apaixonou-se por um cigano e que resolveu viver intensamente essa paixão, pelo curto período em que o seu acampamento assentou na minha pequena cidade do interior. Não tenho dados para confirmar que tenha sido eterno enquanto durou, mas frutificou e gerou uma família. Pelo lado de mãe, fortíssimos indícios indicam que o bisavô dela era o padre local que "adotou" uma criança fruto de uma prostituta que resolveu ir para a capital. Mas ninguém faz filho sozinho e, com medo do escândalo, a santidade achou por bem abafar o caso e assumir o "afilhado". Com enigmática semelhança psicológica e física, atribuída, pelas crentes fervorosas, à osmose da convivência, o rebento foi crescendo e teve uma vocação diferente da do pai, constituindo o outro ramo da família que me pariu. Por isso, herdei a sedução do cigano, a liberdade da puta e a santidade do padre. Se eu usar a meu favor esses dotes, talvez tenha alguma chance de salvação ou, pelo menos, ter uma vida divertida com os dotes da presciência.

Numa manhã qualquer de quarta-feira, armei a tenda para fazer um jogo. Mas o que me veio foi a vontade de pegar outro avião e sair pelo mundo sem uma passagem de volta. Como conseguir o recurso? E se eu jogasse na loteria? Lembrei de meu pai e de sua persistente esperança no acerto impossível dos jogos de azar organizados para arrecadar mais dinheiro do povo tolo. Mas agora eu mesma me fazia de tola. E se eu usasse o tarô? Um arrepio me subiu pela coluna. Se é possível se conectar com o momento atual e pela sincronicidade observar a vida de uma pessoa, por que não seria possível adivinhar meia dúzia de

números entre sessenta? Será que eu tenho a capacidade para tal feito? Vamos tentar.

Comecei a sortear as cartas e observar os números que saíam. Mas aí me deparei com o primeiro problema: eu estava tirando de duas em duas cartas para formar a dezena. Quando já tinha uma carta na direita e saía um dez, o número ficava maior do que as possibilidades, que ia de zero até sessenta. Resolvi fazer assim mesmo, e fui eliminando os números impossíveis que apareciam. Não deu em nada, apenas algumas moedas desperdiçadas. Mas não desisti. Separei a carta do louco, para ser o zero, e juntei às cartas de copas, do 1 ao seis. Em seguida, fiz outro monte com cartas do 1 ao 9 de ouro e, para ser o 0, juntei a carta do diabo, que talvez tenha alguma parte nessa coisa de dinheiro fácil. Mais uma vez, nada. Pura ilusão. Na semana seguinte, percebi que tinha herdado a esperança interminável de meu pai. Fiz outro jogo. Dessa vez, organizei da seguinte forma: as cartas dos naipes representariam um número cada, na ordem de copas, paus, espadas e ouro. Dessa forma, tinha 56 cartas. As outras, eu escolhi nos arcanos maiores: O louco, o mago, a roda da fortuna e o mundo. Decidi que o diabo deveria ficar de fora dessa vez, uma vez que não sou sua devota.

Embaralhei as 60 cartas. Me concentrei intensamente. Alinhei os chacras. Sintonizei com a energia onipresente do cosmos. Assim concentrada e embaralhando, após alguns minutos decidi parar e sortear as seis cartas que ficaram em cima. Os números da sorte foram: 8, 27, 35, 42, 43 e 58. Fui à loja e apostei. Esperei anoitecer. Olhei o resultado pela internet. E então? Olhei e vi que as primeiras dezenas não correspondiam ao oráculo. Fracasso total. Olhei mais calmamente uma segunda vez. Opa! olha só: acertei dois números. O resultado foi: 5, 15, 20, 27, 35 e 58. Quase nada, nesse caso, é igual a nada. Se ao menos tivesse acertado mais dois, teria o dinheiro de volta e ainda mais alguns trocados. Mas os benditos dois números acertados alimentaram as esperanças. Apesar de não conseguir o prodígio de alcançar uma chance em mais de 50 milhões de possibilidades, o meu procedimento adivinhatório conseguiu um feito expressivo: um duque representa 1 chance em 1770. Estaria me aproximando do alvo, ou teria sido apenas o acaso miserável me atiçando para continuar nessa perda de tempo? Se alguém soubesse o que eu estava fazendo riria compulsivamente da minha tolice.

Decidi continuar. Mas mudei o experimento. O louco seria o número 1, já que ele começa a jornada e representa o início. Além do que eu estava me comportando como uma louca alimentando vãs esperanças. Ao invés da carta do mundo, substituí pela carta do sol, que representa Apolo, o deus com habilidades adivinhatórias e o senhor do oráculo de Delfos. Quem sabe, as Pitonisas não viriam em meu socorro. Na semana seguinte, tirei a sorte novamente. Concentração total para o alinhamento cósmico. Dessa vez, sorteava uma carta e embaralhava novamente para o segundo sorteio. Repeti o processo, até conseguir os meus seis números. Dessa vez, sem muitas expectativas. Apenas com o espírito científico da realização de um experimento para ver no que ia dar.

A noite caiu. Estava na expectativa. Um frio na barriga que precede as situações importantes de nossa vida. Há muito tempo venho olhando, mas não vejo o que espero. Aguardo. Sonho. Deliro. Rezo. Peço. Todas minhas ações aumentam a ansiedade. Deixo de lado. Deixo para mais tarde. Mais fé. Merecimento. Começo a olhar os números. Parece que vi tudo de uma vez só. Uma emoção me arrebata e começo a ficar agitada. E agora? É verdade ou um sonho? Meu pai já tinha sonhado uma vez com os números vencedores. Belisquei-me para ter certeza que estava acordada. Lá no fundo, eu já sabia, apenas esperava o dia. O sonho colou com a realidade. Dessa vez, o resultado inesperado aconteceu. Não acredito!!!! Não há mais fantasia. Como farei para colocar o dinheiro na conta? Vou para outra cidade? Lá ninguém me conhece. Vou sozinha. Parte do dinheiro vou investir. É isso mesmo o que eu estou vendo? Grito. Calma. Tenho que ter calma. Vou continuar normal. Como normal. Tentar. A vida continua. Não posso entregar, de bandeja, a minha riqueza.

Fui procurar minha colega Cacia. Em sua casa, abracei-a demoradamente. Ela não entendia nada daquele gesto de carinho gratuito. Queria se livrar dos meus braços. Então lhe disse:

– Tenho algo muito importante para lhe dizer: tenho que viajar a negócios. Você não vai acreditar, pois nem mesmo eu estou convicta. Vou me mudar para outra cidade. Surgiu uma boa oportunidade de trabalho.

– Você merece. Trabalha duro e eu sabia que mais cedo ou mais tarde iria embora, conquistar o mundo.

– Sou grata a você pela amizade! Passamos bons momentos juntas. Quero também passar os meus clientes para que você continue o processo psicoterápico deles. Não posso abandoná-los à própria sorte.

– Vai e aproveita a sua chance. Eu estou aqui ainda sem conseguir coisa alguma significativa, mesmo depois de formada. Acho que seus clientes podem me dar uma nova esperança. Pelo menos, meus pais podem me sustentar durante o tempo que eu precisar. – Falou ela com alguma tristeza no olhar, decorrente de sua covardia em enfrentar a vida.

– Com o tempo, você conseguirá encontrar o seu lugar no mundo. Sei que você tem competência e por isso lhe confiei essa tarefa de atender meus clientes – Falei, para lhe consolar.

No dia seguinte, acordei cedo. Tomei um banho gelado, como de costume. Um longo dia pela frente, mas tudo tem que começar nos preparativos. Xampu, massagem na cabeça. Sabão, tirar a cama do corpo. Mais água gelada, a essa altura, um prazer de despertar. As veias se contraem, o sangue se acelera nas artérias. A vida entra por toda a parte. Sensação de prazer intenso com o gelo da água. Masoquismo para uns, liberdade para outros. Desliguei a torneira e fiquei por um instante sentindo a água escorrer. Essa parada não era costumeira. Será que está acontecendo mesmo? Será real? O dia de hoje já começou mesmo? Um pouco de medo do desconhecido. Como será de agora em diante? O que irá acontecer? Depois de alguns instantes sem respirar, a necessidade de ar trouxe-me de volta a mim, e estendi a mão para alcançar a toalha. Com intenso envolvimento no que estava fazendo, comecei a enxugar o corpo. Nunca esse gesto demandou tanta atenção e cuidado.

A roupa já estava separada. E quando entrei no quarto, percebi os primeiros raios do amanhecer. A maioria ainda dormia nos outros quartos do pensionato. Comecei a vestir a mesma roupa que havia comprado, especialmente, para usar na apresentação do meu trabalho. Era a mais alinhada que tinha. Com uma roupa formal, seria mais fácil se passar despercebida, como uma cliente normal. Pus o *tailleur*. Ajeitei a gola. Prendi um enfeite no cabelo com uma presilha. Adornei os olhos e me maquiei. A essa altura, já sentia fome. A única coisa ingerida até então era um copo de água. A primeira coisa que faço, todo o dia, é lavar-me por dentro e por fora. Fui para cozinha. Comi uma fruta. Tomei uma colher de mel. Quando a satisfação é plena, o

corpo se realiza com pouco. Então, saí de casa. Silenciosamente, fechei a porta. Esperei pelo elevador. São poucos segundos que se perpetuaram por minutos até alcançar o térreo. Essa insignificante passagem do tempo que separa o indivíduo do seu objetivo pode se desdobrar em uma eternidade para as mentes aceleradas da modernidade. Tempo valioso que é gasto para pensar nos presentes a serem comprados, jatares a serem comidos e roupas a serem compradas. Tudo isso na ponta do dedo que rabisca as possibilidades, projetando o desejo na tela digital do smartfone.

– Bom dia. Ainda hoje estarei em casa. – O porteiro não imaginava a Odisseia que começou neste dia. Me despedi com um aceno.

O espírito de guerreira me levou a caminhar até o ponto de ônibus. Seria em torno de 30 minutos até a rodoviária. Ah, quanta coisa para pensar! Atividade imaginária, agora, com um fundamento de realidade. Tudo é possível. Mas nem tudo me convém. Continuar na simplicidade é o antídoto para uma boa vida. O tempo de espera tornou-se um sublime momento de meditação. Um merecido instante de contemplação. Os prédios foram passando. Veio o mar, depois mais prédios, depois novamente o mar. O infinito se apresentou dentro e fora, a consciência se ampliou e tudo era regozijo.

Comprara a passagem na véspera. Já tinha feito a checagem pela internet. Não havia bagagem. Antes de entrar direto no embarque, comprei um jornal, para me entreter durante o trajeto. Muitos executivos também iam a negócios. Eu estava apenas com o meu pequeno negócio, delicadamente dobrado, na véspera, e colocado no bolso desde a noite anterior. Não me atrevia a retirá-lo ali em público. Não queria arriscar nada. Só de pensar num acidente, o estômago se contraía. Imagine o espanto de algum vizinho de poltrona ao observar a plenitude do meu estado ao descobrir nas mãos descuidadas o motivo da minha viagem! Não, vamos ler jornal. Deixa-me pensar. Tantos projetos.